

Nove hipóteses sobre a interferência cultural¹

Itamar Even-Zohar*

Tradução por Juliana Steil**

RESUMO: Estamos em condições de formular algumas generalizações, ou regularidades demonstráveis, ao menos, sobre a interferência cultural? Um grande número de estudos de caso a respeito de relações entre sociedades e culturas já foi produzido, mas têm havido poucas tentativas de utilizar este vasto conhecimento acumulado para uma análise sincronizada. Este artigo é uma tentativa nesse sentido, uma versão reorganizada de esforços anteriores, iniciados pelo presente autor em 1978 para o campo específico da teoria literária e mais tarde ampliados para o âmbito mais geral da cultura (Even-Zohar, 1978, 1990, 1990a, 2010). Como nas versões anteriores deste trabalho, o objetivo aqui não é alcançar uma lista definitiva de “leis”, por assim dizer, mas um conjunto de generalidades experimentais que ajudem a tornar explícitos, e conseqüentemente testáveis, certas regularidades e padrões de repetição. A ideia original era, e ainda é, ilustrar cada hipótese com um grande volume de exemplos de todas as partes possíveis do mundo, um projeto que exige uma cooperação mundial de pesquisadores, o que, infelizmente, não foi viável até o momento.

Palavras-chave: interferência cultural; contato; transferência.

I. Contatos e Interferências

Contatos podem ser definidos como relações entre culturas por meio das quais itens de uma cultura A estão presentes, sendo conhecidos ou reconhecidos, em uma cultura B e vice-versa. Se itens de uma cultura A são adotados pela cultura B e passam a fazer parte do próprio repertório reprodutivo desta, pode-se então dizer que houve *interferência*. Assim, a interferência é um procedimento que ocorre no ambiente dos contatos, um contexto onde a *transferência* (ou a *transmissão*) aconteceu.

Esse tipo de relações sempre fez parte da existência histórica das sociedades humanas. De fato, a maior parte das sociedades ao redor do mundo se desenvolveu, sobreviveu e se modificou graças à interferência. Sociedades isoladas – na medida em que existiram – encontraram, de outro lado, muitas dificuldades, mesmo que tenham conseguido sobreviver (e muitas não conseguiram). Naturalmente, um requisito para a interferência será algum tipo de contato – seja ele direto ou indireto – mas o oposto não é necessariamente verdadeiro: contatos podem ocorrer sem gerar qualquer interferência. “Interferência” e “contatos” são, portanto, processos diferentes, definitivamente interligados, mas não sobrepostos. Eles podem ter histórias diferentes e, de todo modo, precisam ser abordados a partir de diferentes tipos de questões.

Uma das manifestações dos contatos é o intercâmbio de mercadorias. Sejam importadas unilateral ou multilateralmente, tais mercadorias podem tornar-se itens importantes na cultura da sociedade importadora. No entanto, elas serão um caso claro de interferência somente se forem transformadas em modelos geradores - isto é, em componentes ativos no repertório doméstico. Assim, as sociedades humanas podem depender dos recursos umas das outras para uma variedade de tarefas e propósitos, mas apenas quando estes recursos forem domesticados pela cultura para serem localmente (re)produzidos é que poderemos falar de interferência. Certamente, as “fronteiras” entre os casos de contato ativo (ou seja, uma forte presença de mercadorias importadas) e de interferência nem sempre são claras. O princípio básico aqui, porém, é a separação do item transferido em relação à fonte de exportação e sua subsequente independência: a partir do momento em que a fonte não é mais necessária para a obtenção daquele traço (item do repertório) fica legitimado considerar o caso como interferência. Uma vez realizada a interferência, a questão da fonte/origem deixará de ser relevante. Para a maioria dos

membros de uma comunidade, uma vez introduzido determinado item em seu repertório, o destino dele, em termos de sucesso ou fracasso, torna-se uma questão doméstica.

Diferentes tipos de contatos podem criar diferentes tipos de interferência, e isso vai depender principalmente do contato ser direto ou indireto. No caso dos contatos diretos, uma cultura fonte está disponível a, e é acessada por, membros de uma cultura alvo sem intermediários. Por exemplo, no caso de grupos minoritários que vivem fisicamente no meio de grupos majoritários, sendo diariamente expostos à cultura da maioria, a interferência pode ser muito mais poderosa do que naqueles casos em que a cultura alvo pode evitar a cultura fonte. Por sua vez, no segundo tipo, os contatos são intermediados por agências, tais como vários tipos de importadores. Embora em ambos os casos a importação possa ser o principal canal de transferência propriamente dita, é óbvio que, quando intermediários estão envolvidos, o seu papel como procedimento distinto institucionalizado é mais indispensável. Nesses casos, geralmente há um grupo pequeno de agentes que operam como empreendedores na e para uma cultura alvo. Está claro que a exposição massiva pode favorecer significativamente o impacto da interferência. Contudo, a exposição em si não é uma condição nem suficiente nem necessária para que ocorra a interferência.

Conicionados por nossa tradição moderna, tendemos a pensar em sociedades interligadas e em entidades demarcadas, distintas sobretudo ética ou nacionalmente, como detentoras de repertórios culturais bem definidos. Esta, entretanto, é uma visão bastante limitada das realidades. A interferência funciona para todos os tamanhos e níveis de configurações sociais: famílias, clãs, tribos, “classes”, grupos étnicos, grupos geograficamente organizados, bem como nações ou grupo de nações. É descensuário, portanto, fazer uma distinção teórica entre os chamados contatos e interferências intra-sistêmicos e inter-sistêmicos, embora na prática eles possam realizar-se por meio de diferentes procedimentos, ou por diferentes alternativas dentro dos mesmos procedimentos.

II. Padrões de Repetição da Interferência

Três grupos de aspectos podem ser identificados:

[1] Princípios gerais da interferência

1. A interferência é sempre iminente.
2. Na maioria das vezes, a interferência é unilateral.
3. A interferência pode ser restrita a determinados domínios.

[2] Condições para o surgimento e a ocorrência da interferência

4. cedo ou tarde, se não houver condições de resistência, os contatos geram interferência.

5. A interferência ocorre quando um sistema necessita de itens que não estão disponíveis em seu próprio repertório.

6. Uma cultura torna-se uma fonte por meio do prestígio.

7. Uma cultura torna-se uma fonte por meio da supremacia.

[3] Processos e procedimentos da interferência

8. A interferência pode atingir apenas uma parte da cultura alvo e depois avançar para outras partes.

9. Um repertório apropriado não necessariamente preserva as funções da cultura fonte.

1. Princípios Gerais da Interferência

Hipótese No. 1. A interferência é sempre iminente.

A onipresença da interferência nem sempre é óbvia. Uma vez que os canais de transferência propriamente ditos podem não estar “visíveis” para todos das partes envolvidas, e uma vez que é comum a situação de percebermos os resultados domesticados da interferência mais tarde e não em seus estágios iniciais, parece “natural” não hipotetizar a interferência como primeira opção para explicar traços em qualquer caso específico. A pesquisa, porém, tem demonstrado que a interferência provavelmente desempenhou um papel proeminente no surgimento e no desenvolvimento de todas as sociedades humanas que conhecemos. Seria difícil encontrar uma cultura que tenha surgido sem interferência de uma cultura mais estabelecida; e nenhuma cultura poderia funcionar sem o uso de recursos derivados de outra cultura em algum período de sua história. Tem sido mostrado que a interferência é a regra e não a exceção, e que sua ocorrência se realiza em maior ou menor grau nas culturas. É apenas quando os processos invisíveis de interferência são descobertos que sua forte presença pode ser completamente reconhecida e avaliada.

Este reconhecimento implica que, quando se for optar por analisar um certo caso a partir da hipótese do desenvolvimento independente ou a partir da hipótese da interferência, salvo por forte motivo em contrário, apesar de nossas inclinações comuns, deve-se priorizar a hipótese da interferência. Desse modo, o pesquisador deve considerar a interferência como uma alternativa muito provável, e rejeitá-la apenas se uma solução de não-interferência puder ser demonstrada como mais forte.

É verdade que não temos evidência de interferência no caso de algumas culturas que atualmente parecem remotas e isoladas. Porém, à luz da esmagadora evidência da interferência na maioria das culturas do mundo, a falta de evidência em alguns casos específicos pode sugerir que a evidência ainda não esteja acessível, e não que se trata de ausência de interferência. Civilizações que antes pareciam divergentes têm agora exposta a sua interligação. Um caso como o da não invenção da roda pelos incas sem dúvida reforça a hipótese de falta de contatos; de outro lado, também demonstra o papel central que a interferência deve ter desempenhado na difusão desse tipo de invenção.

Hipótese No. 2. Na maioria das vezes, a interferência é unilateral.

Não existe simetria em contatos culturais. Com maior frequência, uma cultura alvo recebe interferência de uma cultura fonte, a qual pode ignorar a primeira. Também há casos em que pode haver uma interferência menor em uma direção e uma interferência maior em outra.

Hipótese No. 3. A interferência não ocorre necessariamente em todos os níveis da cultura.

No caso de duas comunidades ou geograficamente contíguas ou mescladas, ou ainda ligadas (“ligações geográficas” podem ser rotas de comércio, assim como certa consciência estabelecida sobre “a existência do outro”), a interferência pode ocorrer em vários níveis da cultura, mas não necessariamente em todos.

Contudo, parece difícil comprovar os casos em que a interferência estaria restrita a apenas um setor da cultura, enquanto os demais setores permaneceriam intactos. Ao mesmo tempo, com as comunidades geograficamente separadas umas das outras, a interferência parcial é perfeitamente concebível.

É precisamente por causa da estrutura sistêmica heterogênea da cultura que a cultura alvo pode ter contato com e transferir de apenas algumas seções de uma cultura fonte. Uma cultura alvo nunca está exposta à totalidade de uma cultura fonte, mesmo

quando geograficamente próxima desta ou mesclada com ela. Estudos sobre imigração, aculturação e assimilação fornecem ampla fundamentação para este argumento.

2. Condições para o Surgimento e a Ocorrência da Interferência

Hipótese No. 4. Cedo ou tarde, se não houver condições de resistência, os contatos geram interferência.

Contatos entre comunidades não necessariamente geram interferência. As comunidades podem trocar todo tipo de mercadorias, informação, apoio político ou turismo sem gerar mudança ativa em seus repertórios domésticos. A divulgação de informação recebida de uma cultura fonte, a familiarização com a estrutura política de uma cultura a fim de enfrentá-la (como deve ser frequente no caso de nações menores vs. nações maiores), ou a aquisição de souvenirs em uma viagem não necessariamente geram interferência. De fato, as comunidades podem conviver por longos períodos, mesmo mescladas uma com a outra, aparentemente sem interferirem².

Não é tarefa simples, contudo, determinar o momento considerado como o início da interferência. Contatos duradouros, quando não produzem uma interferência clara, podem gerar condições de disponibilidade, o que eventualmente facilitará a interferência. Certas atitudes amplamente aceitas em relação a prováveis contatos, além de um conseqüente grau de interferência, podem afetar o comportamento vigente quando a interferência se torna iminente. As sociedades podem rejeitar a interferência, pois podem vê-la como uma ameaça à sua integridade. Outras vezes, o desejo de mudança pode provocar uma atitude favorável em relação a traços de outra sociedade, sendo que a transferência desses traços seria uma esperança de saída de uma situação indesejada. Há comunidades que não se importam tanto com o empréstimo do que vem de fora, e é possível observar nelas certa abertura em relação a alternativas exógenas (e à multiplicidade de culturas em geral). Outras sociedades consideram que “tudo o que vem de fora é bom”. De modo que está fortemente estabelecido o sentimento de “isso já é atual lá fora; estamos ficando para trás”.

Conseqüentemente, embora uma sociedade possa resistir à interferência mesmo em caso de contatos inevitáveis, ela não pode resistir à interferência em todos os níveis de sua cultura, ou não por muito tempo. A questão, assim, passa a ser quando a interferência se torna um fator importante em uma cultura, e não se ela opera nesta cultura ou não. De acordo com nossa visão da estratificação sistêmica, seria bastante plausível a hipótese, por exemplo, de uma interferência duradoura sobre a periferia da cultura. Casos assim podem ficar em elaboração por muito tempo, até mesmo por várias gerações, antes de virem à tona, por assim dizer, na esfera da cultura oficial ou dominante.

Se esperarmos que os contatos gerem interferência em qualquer circunstância, provavelmente ficaremos intrigados com casos que parecem “anômalos”. É de admirar, por exemplo, que, depois de tantos anos de coexistência, vários grupos étnicos ou nacionais ainda se mantenham bastante separados num território relativamente pequeno como a Europa, apesar dos muitos traços culturais herdados e dos contatos intensos. A Suíça seria um caso intrigante o bastante, mas até mesmo a França - o estado mais centralizado e aparentemente homogeneizado da Europa - ainda tem minorias pequenas e grandes que têm resistido à interferência em vários níveis culturais, como os bretões e, em alguma medida, os occitanos.

Hipótese No. 5. A interferência ocorre quando um sistema necessita de itens que não estão disponíveis em seu próprio repertório.

Uma “necessidade” pode surgir quando as pessoas sentem que as alternativas existentes em sua cultura deixaram de ser eficazes e devem, portanto, ser modificadas ou substituídas. Se o repertório doméstico não oferecer alternativas eficazes para a mudança desejada, sendo que um grupo adjacente e acessível parece tê-las, muito provavelmente ocorrerá a interferência.

Há, contudo, ampla evidência de que esta “necessidade” pode realmente surgir não devido a um desenvolvimento interno de uma cultura, mas devido à existência de determinadas alternativas numa cultura adjacente e acessível que por sua vez gera a “necessidade”.

Hipótese No. 6. Uma cultura torna-se uma fonte por meio do prestígio.

Uma cultura pode tornar-se uma fonte por ser avaliada como um modelo a ser imitado. Vários fatores contribuem para a formação do prestígio de uma cultura. A estabilidade, e uma presença notável numa rede mundial, que cria um alto grau de interconectividade, estão entre os fatores de prestígio. Poder político e/ou econômico não são condições necessárias para a aquisição de prestígio em si, mas certamente são indispensáveis para a criação de uma forte visibilidade/presença, que por sua vez pode criar prestígio. Além disso, uma posição de poder político que contribuiu, em um estágio inicial, para criar visibilidade/presença, pode não ser mais necessária depois de o prestígio ter sido alcançado. Assim, um poder politicamente superior pode emprestar de maneira massiva, para setores da cultura que não tenham sido criados ou não tenham avançado internamente, de um poder politicamente inferior que tenha estabelecido prestígio cultural para tais setores. É sem dúvida o caso da cultura grega para Roma, que provavelmente se assemelha a casos como o da França.

Não está nada claro se devemos atribuir o prestígio francês, que perdurou por séculos entre as culturas européias, ao poder político da França. Seria o caso em alguns períodos, mas certamente não em outros. A difusão dos modelos e produtos culturais franceses (materiais e semióticos) durante a Alta Idade Média (1000-1400) não pode ser separada da centralidade da França devido à sua posição no Império Carolíngio; foi somente mais tarde, porém, que a França alcançou sua posição de poder e conseguiu exercer poder político que repercutiram no nível do consumo cultural. Penso que devemos reconhecer que seu prestígio se estabeleceu muito antes de seus dias de grande poder e permaneceu até muito depois deste poder ter declinado³.

O que a França foi capaz de oferecer em um estágio relativamente inicial de sua existência foi a estabilidade. Ela já havia desenvolvido muitas instituições acessíveis em uma ampla variedade de níveis quando outras culturas mal começavam a organizar-se. Como a Inglaterra, e antes disso a Irlanda, ela pode oferecer, por exemplo, vários tipos de especialidade (linguística, teológica, artesanal) ligada à religião recém-aceita em grandes territórios da Europa que não haviam feito parte do Império Romano. Nos termos de Bourdieu, seria apropriado reconhecer que, além das riquezas materiais (as quais tanto atraíram as pessoas da periferia durante os séculos IX e X), a França acumulou um capital cultural tão imenso que nenhuma entidade que desejasse organizar-se no mundo das redes da competição e da paridade poderia ignorá-lo. É por isso que a cultura francesa tem relevância até mesmo para as mais remotas sociedades nórdicas, ou para a Alemanha e para a Rússia, em vários momentos de sua história.

Hipótese No. 7. Uma cultura torna-se uma fonte por meio da supremacia.

Uma cultura pode ser selecionada como fonte quando ela é dominante através do poder. Sem dúvida, uma cultura dominante geralmente tem prestígio (Hipótese 6), mas a

posição dominante não necessariamente resulta deste prestígio, nem o gera. Um caso comum nesta categoria é uma cultura que se torna “incontornável” pelo poder colonial, que impõe traços culturais (como língua e normas) a uma comunidade subjugada. Por exemplo, o fato de ingleses e franceses terem dominado muitas culturas de sociedades por eles administradas deve-se simplesmente a estas relações de poder. O mesmo vale para a maior parte dos grupos minoritários.

Poderes coloniais ou imperialistas nem sempre parecem ter o mesmo interesse em inculcar suas culturas no povo subjugado, mas os resultados de sua supremacia podem eventualmente ser quase os mesmos. Os respectivos comportamentos da França e da Inglaterra diante desta questão têm sido diferentes. Ainda assim, o inglês conseguiu criar raízes em países como a Índia e o Iraque, ou na África subsariana, quase tanto quanto o francês na África do Norte e na África subsariana.

A supremacia do poder de tipo imperialista impõe contatos sobre uma cultura alvo e pode então produzir interferência apesar da resistência desta cultura. Ainda assim, situações em que um grupo alvo ainda não se estabeleceu - ou está em crise - podem não (ser capazes de) desenvolver qualquer mecanismo de rejeição.

Tal mecanismo pode, claro, desenvolver-se posteriormente, quando muitos dos traços culturais supostamente apropriados se revelam apenas temporários.

3. Processos e Procedimentos da Interferência

Hipótese No. 8. A interferência pode atingir apenas uma parte da cultura alvo e depois avançar para outras partes.

Mesmo quando as apropriações são “pesadas”, uma interferência total pode não acontecer. Geralmente, determinadas seções de um repertório doméstico permanecem intocadas, enquanto outras sofrem uma invasão intensa, ou são realmente criadas através das apropriações.

A interferência também pode limitar-se a apenas um estrato, por exemplo, ao centro ou à periferia da cultura alvo. Um repertório de uma cultura fonte pode, assim, interferir primeiro em um estrato inferior ou superior de uma cultura alvo, e depois avançar para outros estratos. Embora inicialmente gerado pela interferência, quando tal repertório “se espalha”, não é mais uma questão de interferência direta, mas já um processo interno dentro da cultura de chegada. Uma vez que nos estudos tradicionais a interferência - entendida em termos de “influência” - é considerada uma questão de superioridade vs. inferioridade, fica difícil aceitar que a parte “influenciadora” possa estar em um status menor do que a parte “influenciada”.

Muitas culturas periféricas apropriam-se de traços de um repertório cultural geralmente aceitos depois que eles estão consolidados nas culturas de prestígio centrais de uma época. Isto não se realiza necessariamente por meio da apropriação de uma cultura fonte, mas em geral ocorre via intermediários secundários, que já elaboraram modelos mais esquematizados e possivelmente mais palatáveis em termos de apropriabilidade.

Hipótese No. 9. Um repertório apropriado não necessariamente preserva as funções da cultura fonte.

A hipótese sobre a constância da mutação de um traço transferido de seu sistema original é suficientemente corroborada pelos estudos de interferência. Isso significa que a posição sistêmica de traços particulares no sistema fonte não necessariamente permanecem no sistema alvo. A interferência transforma o traço transferido em um traço doméstico, que depois prioriza as restrições do sistema alvo, que estarão acima de qualquer fonte. Além

disso, pode ocorrer a apropriação de modelos não contemporâneos na cultura fonte, devido ao atraso entre contato e adoção, ou à intermediação secundária.

Nine hypotheses on cultural interference

ABSTRACT: Are we in a position to formulate some generalizations, or at least demonstrable regularities, about cultural interference? A large number of works dealing with particular cases of relations between societies and cultures have been produced, but there have been few attempts to use this vast accumulated knowledge for some synchronized analysis. This paper is such an attempt, a reshuffled version of previous endeavors, which the current author initiated back in 1978 for the narrower domain of literary theory and has revised several times since for the general field of culture (Even-Zohar 1978, 1990, 1990a, 2010). As in the previous versions of this sketch, the purpose is not achieving some definitive list of “laws,” as it were, but a set of tentative generalities that help make explicit, and consequently testable, what is proposed to be repetitive patterns and regularities. The original idea was, and still is, to have every hypothesis illustrated with a plethora of examples from all possible parts of the world, a project that requires a worldwide cooperation of scholars, which unfortunately has not been feasible so far.

Keywords: cultural interference; contact; transfer.

¹ Tradução de “Nine hypotheses on cultural interference” (Even-Zohar, 2017), realizada por Juliana Steil, com algumas modificações feitas pelo autor. Esta versão foi originalmente dedicada a Saliha Paker, professora emérita da Universidade Boğaziçi, Istambul, cujos trabalhos têm sido uma inspiração para os interessados na dinâmica das relações entre as culturas.

* Unidade de Pesquisa da Cultura, Universidade de Tel Aviv

** Universidade Federal de Pelotas.

² Pode-se argumentar que a própria integração de mercadorias de qualquer natureza num sistema alvo claramente faz delas um exemplo de interferência, mesmo não sendo produzidas localmente. Se os estadunidenses compram camisetas feitas em Hong Kong, isso faz a cultura de Hong Kong interferir na cultura estadunidense? No entanto, suponhamos que as camisetas de Hong Kong sejam diferentes das estadunidenses, e não sejam imediatamente aceitas, mas adotadas gradualmente pelos estadunidenses. Embora isso não envolva mudança no repertório das fábricas de camisetas estadunidenses, o repertório estadunidense teria efetivamente mudado com esta adoção. Evidentemente, quando os próprios estadunidenses passassem a produzir camisetas ao estilo de Hong Kong, não haveria a menor dúvida de que teria havido interferência. Claro que os estadunidenses do século 21 podem eventualmente até produzir suas camisetas apenas em Hong Kong por motivos econômicos.

³ O papel que uma visão de mundo com o poder organizador de uma religião desempenha na realização da interferência por meio do prestígio é evidente em todos os tipos de ideologias. Não há diferença, nesse sentido, entre o papel do cristianismo na Alta Idade Média e o papel de ideologias posteriores, como o a Revolução Francesa (e, mais tarde, a Revolução Russa).

REFERÊNCIAS

EVEN-ZOHAR, Itamar. Universals of Literary Contacts. In: COPPIETERS, Frank & Didier Goyvaerts. *Functional Studies in Language and Literature*. Gent: Story Scientia, 1978, pp. 5-15.

_____. Laws of Literary Interference. In: _____. *Polysystem Studies* [=Poetics Today, Vol. 11: 1]. Duke University Press, 1990, pp. 53-72.

_____. System, Dynamics, and Interference in Culture: A Synoptic View. In: _____. *Polysystem Studies* [=Poetics Today, Vol. 11: 1]. Duke University Press, 1990, pp. 85-94.

_____. Laws of Cultural Interference. In: *Papers in Culture Research*. The Culture Research Lab [http://www.tau.ac.il/~itamarez], 2010, pp. 52-69.

_____. Nine hypotheses on cultural interference. In: TAHİR GÜRÇAĞLAR, Şehnaz & Zehra Toska (eds.) *Festschrift in honor of Saliha Paker: Essays presented by her colleagues, students and friends (Part I)* [=Journal of Turkish Studies / Türklük Bilgisi Araştırmaları, Vol. 48: December 2017]. Cambridge, Mass.: Department of Near Eastern Languages and Civilizations, Harvard University, 2017, pp. 387-395.